

POESIAS

PROFANAS.

CANTATA.

PIGMALIAO.

JA da lucida Aurora scintilava
O tremulo fulgor, e a Noite fria
Nas mais remotas praias do Occidente,
Entre abismos gelados, se escondia.

Amor impaciente

Dos Filhos de Morpheo se acompanhava,
E de Pigmalião a altiva mente,
Com lisonjeiros sonhos, afagava.

Ora de Galathea,

A estatua airosa e bella,

Obra do seo cizel, obra divina,
Se lhe avivava na amorosa idea:

Ora cuidava vê-la

Pouco a pouco animar-se,

E a marmorea dureza transformar-se
Em suave, vital brândura, dina

D'aquella que em Cythera,

Sobre os Amores e o Prazer domina.

Sobresaltado freme ;
E entre illusões espera
Galathea apertar nos ternos braços :
Mas subito desperta
Procura-a , não a vê ; suspira , e geme.
Então , com rosto triste e carregado ,
O corpo ergue cansado ,
E mal firmando os passos ,
Girando a vista incerta
Pela vasta officina , o busto encara
Da magestosa Juno ,
Que junto collocára
Ao do implacavel , fero Deus Neptuno :
Lança mão do cizel ; ergue o martelo ;
Repoli-los intenta ,
E o extremo ideal tocar do bello.
Mas o cizel da mão se lhe extravia ;
Froxo o martelo assenta ,
E na vivaz ardente fantazia
Só Galathea com prazer revia.
Acceso , arrebatado
De insolito furor quebra , esmigalha
O marmore inculpado
Dos bustos , que polia :
Arremeça per terra , e á tóa espalha
O martelo , e o cizel , com que trabalha.
Volve os olhos , repara
De Galathea amada

Na formosura rara ,

E ferido de Amor , curva tremendo

Os joelhos , e já não lhe cabendo

Dentro d'alma encantada

O transporte que o agita , ardido brada :

« O' tu , que os Deuses do Olimpo

» Feres de inveja , e de espanto ,

» Porque nunca poudes tanto

» Todo o seo alto poder ;

» He possivel que reunas

» Tanta graça , tal belleza ,

» E te negue a Natureza

» Respirar , sentir , viver ?

» Eis do genio o prodigio soberano :

» Nem poderá jamais o sp'rito humano ,

» Depois de rematar esta obra prima ,

» Conter força sobeja ,

» Que poderosa seja ,

» Para novos inventos , sem que o oprima ,

» Tam grande esforço d'arte ,

» E esmorecido desfaleça , e caia.

» Amor , ó Deus , sem quem tudo desmaia ;

» Amor que me guiaste

» O sublime cizel nesta ardua empreza ,

» Ah ! desce , vêm ; reparte

» Da minha vida parte

» Com aquella , que tu avantajaste

» A' Deusa da belleza :

- » Supre assim o languor da natureza :
 - » Influe doce alento
- » Na minha Galathea tam formosa :
- » Influe lhe razão , e sentimento.
- » O' Amor ! ó Deidade grandiosa !
- » Anima-a do calor , em que abrazado
- » Meo coração a teo poder se rende :
- » Rouba a Jove esse facho sublimado
 - » Do qual a vida pende :
 - » Sacode, vibra a chamma ,
- » Que os mortaes avienta , anima , inflamma.
- » O' Amor ! ó Deus grande ! per quem vive
 - » Quanto nos vastos mares
- » Se volvé , e quanto talha os leves ares ;
 - » Per quem tudo revive ,
- » E cuja mão potente desencerra
- » A vital força que fecunda a terra !
- » Escuta a voz que o teo soccorro implora ,
 - » E a minha Galathea
 - » Possa eu ver sem demora
- » Sentir o fogo , que em meo peito ondea.
- » Deuses , se isto impedís , de novo digo
 - » Que Inveja negra e fea
- » Em vossos corações achou abrigo.
 - » Mas que vejo ! ó justos ceos !
 - » Treme o marmore e respira ,
 - » E parece se retira
 - » Ao toque de minha mão !

- » Rubro sangue as veas gira ,
- » Já seo braço me rodea ,
- » E da linda Galathea
- » Já palpita o coração !
- » Nos olhos lhe circula , eu não me engano ,
- » O teo fogo , ó Amor ! hoje cessaste
- » De ser um Deus tyrano :
- » Hoje sobre os mais Deuses te elevaste.
- » Que te direi , Amor ? . . . Olha . . . repara ,
- » Nas faces delicadas
- » As graças animadas
- » Ateando desejos , e compara
- » Tuas acções com esta que fizeste :
- » Ve bem como a ti mesmo te excedeste :
- » Prazeres fervorosos ,
- » Suspiros encendidos ,
- » Transportes anciosos ,
- » Mil ais interrompidos ,
- » Afagos e deleites , como em bando ,
- » Pela voluptuosa
- » Cintura , mais que airosa ,
- » Qual a hera se enrolam , misturando
- » As engraçadas frentes ;
- » E de mimos ardentes ,
- » De delicias minha alma repassando.
- » O' Galathea ! ó minha doce vida !
- » Tu me faltavas só para endeusar-me ,
- » E de immortaes prazeres inundar - me.

- » Agora brame irada
- » A natureza contra mim erguida !
- » Não a receio, e nada
- » Já me pode assustar, porque te vejo
- » Responder a meo fervido desejo ;
- » Dar vida a novos seres,
- » Criar o sentimento
- » De mil novos prazeres :
- » Eis, ó Deuses ! sem duvida a ambrosia ,
- » O divinal sustento ,
- » A suave celeste melodia ,
- » Que embebe de alegria ,
- » E torna glorioso o Firmamento ! »

Com este pensamento
Transportado contempla a Galathea
(Que, ou mova a medo os passos ,
Ou revolva o semblante ,
Ou já recurve os braços
Em torno ao seo amante ,
A cada movimento ,
A cada novo instante ,
Sente uma nova idea ,
Sente um novo prazer, que a senhorea).
Então outro prodigio Amor obrando ,
A lingoagem dos sons vai-lhe inspirando,
E de repente usando
D'este dote sublime

A feliz Galathea assim se exprime :

- » Este marmore que toco ,
- » Esta flor tam graciosa ,
- » Nem esta arvore frondosa ,
- » Nada d'isto , nada he eu :
- » Mas , ó tu ! que ante'mim vejo ,
- » Que todo o meo peito abalas ,
- » Que tam doce de amor falas.
- » Ah ! tu sim , tambem es eu.
- » Vem a mim querido objeto ,
- » Aperta-me nos teos braços ;
- » Convince-me em ternos laços ,
- » Que eu e tu somos so eu. »

NOTA.

O verso do segundo recitativo :

Se volve , e quanto talha os leves ares ,
estava no original assim :

Se volve , quanto habita os densos ares.

Alem d'esta , as principaes alterações , que fiz nesta bellissima composição , foram no ultimo recitativo , e na ultima aria. No recitativo os versos que alterei , e vam marcados com o signal () , estavam assim no original :

Que ou volva a medo os passos ,
Ou gire o seo semblante ,
Ou aredone os braços
Em torno ao seo amante ,
Em cada movimento ,
Em cada novo instante , etc.

A ultima aria estava da maneira seguinte :

Este marmore que toco ,
Essa flor tam graciosa ,
Nem essa arvore frondosa ,
Nada d'isso , nada he eu.
Mas ó tu quem quer que és ,
Que todo o meo peito abalas ,
Que tam doce de amor falas ,
Ah ! tu sim , tu inda es eu.
Vem a mim querido objecto ,
Vem cercar-me com teos braços ,
E assim preza em doces laços
Couvencer-me que inda es eu.

As razões que me moveram a fazer as alterações que fiz , parecem-me assaz palpaveis ; e por isso me poupo ao trabalho de expô-las aqui. Com tudo como em poesia , considerações de gosto devem muitas vezes prevalecer sobre considerações philosophicas ou grammaticas , por isso assentei de conservar nesta nota a lição propriamente do autor.